

CARTAS A THÉO: Corpo e Contestação

Clóvis Domingos dos Santos¹
<https://orcid.org/0000-0002-1721-0413>

Resumo

Trata-se de um ensaio crítico-poético a partir da ação *Uma Partida de Futebol*, trabalho de conclusão de curso em Direção Teatral de Théo Mantelato com orientação da profa Dra. Elvina Maria Caetano Pereira (Nina Caetano) no DEART/ UFOP. A referida performance aborda o jogo de futebol a partir de suas relações com as questões de gênero, interessando ao autor do artigo a escolha feita pelo campo de futebol como espaço lúdico, discursivo e político. A opção pela carta, como forma de escrita alternativa à acadêmica, é proposta aqui como modo dialógico que entende a crítica e a escrita sobre o objeto artístico não mais como operações de distância ou apenas exercício de julgamento, mas gestos marcados pela proximidade e leitura subjetiva da obra, capazes de projetar perguntas e possibilitando novas reverberações e instâncias de recriação.

Palavras-chave: Estudos de Gênero. Jogo. Carta. Crítica.

LETTERS TO THEO: Body and Contestation

Abstract

*This is a critical-poetic essay based on the action *Uma Partida de Futebol* (“A Soccer Match”), a performance by Théo Mantelato, supervised by Dr. Elvina Maria Caetano Pereira (Nina Caetano) in the UFOP Arts Department. The performance approaches a soccer match from its relations with gender issues. The paper’s author is particularly interested in the soccer field as a playful, discursive and political space. The choice for a letter format, as an alternative from academic writing, is proposed here as a dialogical mode that understands criticism and writing about the artistic object, no longer like operations of distance or just an exercise of judgment, but like gestures marked by proximity and subjective reading of the work: gestures capable of asking questions and enabling new reverberations and creational instances.*

Keywords: Gender Studies. Match. Letter. Critique.

¹ **Clóvis Domingos dos Santos** é doutor em Artes da Cena pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e crítico no site *Horizonte da Cena* (BH/MG). Atualmente desenvolve o projeto de pesquisa pós-doutoral *Crítica e Cena Contemporânea*, com a supervisão do Prof. Dr. Paulo Marcos Cardoso Maciel, no PPGAC/UFOP, com bolsa PNPd/CAPES. E-mail: clovpalco@gmail.com.



CARTA I

São subjetividades que rompem com a linearidade e impactam a construção de uma comunidade esportiva mais inclusiva, seja em modalidades como o futebol ou outras. Esses corpos atléticos apresentam uma cartografia corporal não normativa, que postula fronteiras mais permeáveis ou flexíveis, destacando a necessidade de superação de limites impostos, seja pelo próprio corpo, seja pelos contentores externos (marcas e recordes). A necessidade instaurada de superação de tais limites (sejam eles quais forem) advém da própria subjetividade em transformação, a partir de experiências, desejos, desafios e mesmo das demandas do corpo (Wagner Xavier Camargo e Cláudia Samuel Kessler)².

Théo, teu experimento *Uma Partida de Futebol* transita entre inúmeras possibilidades de nomeação e imprecisão. Pode ser ou não ser:

Uma vídeo-performance

Uma performance de um corpo manifesto

Um MANIFESTO de um corpo performático

Uma autoescritura ficcional

Uma coreografia político-existencial

Uma instalação plástica

Um desenho insurgente

Uma rebeldia poética

Uma *montagem* de um corpo

Uma *desmontagem* de um corpo

Uma *remontagem* de um corpo

Uma produção de presença

Uma denúncia-anúncio-prenúncio

Uma carícia nas fronteiras

² *Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica*. Disponível em: <https://journals.openedition.org/horizontes/1488>. Acessado em 24 de julho de 2019.



Um pedido de socorro

(Nossa! Preciso respirar um pouco).

Um testemunho

Um excesso ou

uma exceção?

Uma linha de fuga das demarcações biológicas

Um jogo de um jogo

contra outros jogos

que jogam entre

jogos

Discursivos

“De cus vivos”

Disruptivos

Punitivos

Imaginativos

No vasto território das linguagens.

Você, Théo, entra no espaço e com uma fita vermelha delimita o lugar da partida.

Você joga.

Eu jogo.

Nós podemos jogar juntos?

Mas eles jogam outro tipo de jogo:

Não sabem brincar.

Do jogo ao gozo

Eles respondem com ódio.



Não aceitam sua (nossa) diferença

Se unem para nos matar.

A massa é extraordinariamente influenciável e crédula, é acrítica, (...) não conhece dúvida nem incerteza. Ela vai prontamente a extremos; a suspeita exteriorizada se transforma de imediato em certeza indiscutível, um germe de antipatia se um torna um ódio selvagem (Sigmund Freud. A psicologia das massas e análise do Eu).

Você, Théo, fica no meio do campo

Num entre-lugar

Não assume em qual time joga.

Você, fora da identidade

Da pretensa normalidade

Você afronta?

Você apronta!

Você dentro-fora

Você sai,

vai

embora.

Você desestabiliza

expande o espaço cênico

Joga de muitos lados

De nenhum deles

Por fora

Por dentro.

Rasura as regras do futebol

Da vida formol

Não busca o Gol!



TRANSGRIDE

O PRIDE!

E a massa- sistema

“cis teima”³

Enquanto você só treina.

Quer viver.

Há um momento no qual

Você bate a bola e ela volta como:

Pedra

Xingamento

Ódio contra você.

Escuto tua respiração ofegante

De jogador atacante

Será competição

Ou uma atividade brincante?

Violência com excitação?

Théo, performer-futebolista

Condenado a ficar na torcida

Sentado na arquibancada

³ Título de um poema de Alan Villela Barroso no livro *A Morte do Poeta Vitalício – Narrativas de um Padecimento Poético*. Editora Bergamota: Curitiba, 2019.



Mas se posiciona no centro do campo

E não precisa dizer mais nada.

Existir talvez seja isso: todos os dias de manhã

pessoas gays, lésbicas

E trans

Traçam um espaço de jogo,

Uma estratégia e ação

E lutam para permanecer vivas

E não sucumbir ao chão.

Viver é passar de um espaço a outro fazendo o possível para não se machucar. (George Perec).

Posso repetir?

Viver é passar de um espaço a outro fazendo o possível para não se machucar. (George Perec).

Esse jogo é diário. Uma partida sem fim.

Teu dispositivo cênico é poderoso nesse trabalho: o campo de futebol como palco de paixões e catarses

E você escreve outros

Cartazes

Inventa frases

Recria um lugar para a reflexão.

Distensão.

Essa minha carta talvez só faça sentido para você e para mim. Comecei querendo escrever

De um jeito



Mas os desvios se fazem presentes
 E já não luto mais para que minha escrita
 Deixe de ser essa grita⁴
 Era para ser uma crítica ou análise de um experimento.
 Mas talvez assim eu esteja mais próximo da obra
 Da dobra
 Que você propõe
 E tudo agora é crise:
 Teu corpo
 Os gêneros
 A arte
 Meu texto
 Tudo isso fica meio trans,

Trança

Meio dança

Típo lança

Feito *navalha na nossa carne*⁵.....
 E tudo crise, crie, crítica,
 Crivo,
 Sim, Théo, ESTAMOS VIVOS!

⁴ Como o envio de uma carta. Aqui assumo a influência de um artigo do crítico literário Rafael Zacca intitulado *Sobre a crítica como carta - Quem é o carteiro impossível da literatura?* Disponível em: https://revistapessoa.com/artigo/2881/sobre-a-critica-como-carta---quem-e-o-carteiro-impossivel-da-literatura?fbclid=IwAR3CyCYMGn8t_iV5q2Ga8PGKM_9TKagkR7JuQ77h-ITAPNHUbsq1iqiuEQ. Acessado em: 24 de julho de 2019.

⁵ Alusão à obra *Navalha na carne* do dramaturgo Plínio Marcos, que foi escrita e montada em 1967.



CARTA II

Não sei te contei, estou pesquisando espaços e dissidências sexuais na cena contemporânea. As *geografias da sexualidade* me interessam. As vivências afetivo-sexuais nos planos domésticos, públicos, urbanos, virtuais etc., como tudo isso é vivenciado em inúmeras propostas cênicas. São políticas de visibilidade/invisibilidade feito uma partida de futebol entre quem é autorizado a jogar e quem está expulso de campo. E o juiz (a Moral, o Capital, a Religião, a Escola) é quem determina as regras, as faltas, os pertencimentos, os gestos etc. Todo espaço é construído a partir de disputas, conflitos, jogos de poder, lutas por reconhecimento. Os espaços só existem através das *incorporações* dos sujeitos. Muitas vezes é preciso ocupar um espaço à força, garantir seu uso, confrontar suas normatizações.

Teu trabalho me derrubou. Estou contundido.

Você ali, solitário em cena. Essa solidão é tua velha companheira?

Mas você não jogou a partida sozinho. A gente se reuniu em torno do teu jogo e pôde ver você driblando todos eles. Driblando tantos olhares.

O olhar também é uma forma de violência.

Olha só a transgressão do teu experimento: não tem vencedor nem perdedor. Só tem vida em

movimento

refazimento.

Afirmção. Solidariedade.

Acabei de ler um artigo sobre a *Ética bixa* e tem um longo trecho que diz assim:

De momento, a única coisa que nos resta é recuperar duas ou três palavras do dicionário e voltar a lhes dar sentido. Uma dessas palavras que é preciso recuperar é solidariedade. Eu estou tentando recuperar a ética e transformá-la em uma arma de arremesso, em um spray de pimenta antiestupradores, em vez de uma mordaca ou uma camisa de força. Mas precisamos também recuperar a solidariedade das garras da caridade direitizada e católica, resgatar a solidariedade da armadilha escura das ONGs, libertá-la das aparências de virtude compassiva, cristã, humanista, deixar de confundir-la com um não sei quê de magnanimidade, bom coração, empatia, esmoleiro, altruísmo-porta-de-igreja.



Para começar, ser boa pessoa sempre foi um discurso clerical. Boas pessoas são basicamente aquelas que não ofendem o sistema de privilégios dos poderosos se não pertencem a este grupo, ou que desfrutam desses privilégios, se é que pertencem a ele. Uma pessoa solidária luta contra qualquer privilégio de classe, contra a injustiça social, contra a opressão, contra a discriminação, contra a submissão dos sem-voz. A solidariedade não é um valor moral, é uma atitude sistêmica desestabilizadora e de conflito. A solidariedade não é dar a mão, é dar socos. A solidariedade não é pintar as macias mãos de branco, é curti-las no trabalho contra a opressão e luzir os calos da luta contra quem pisa no pescoço alheio. A solidariedade não é ser puro, imaculado e pacífico, estas são virtudes desativadoras e alienantes que o inimigo prega, solidariedade é ser sujo, imprevisível e viver tipo cachorro louco. A solidariedade não é amar o próximo como a ti mesmo, mas distinguir entre os próximos, ter bom olfato para detectar o cheiro de incenso e de dinheiro, e assim amar a uns e lutar contra outros.

A solidariedade não é assumir todas as lutas, mas travar uma só e a mesma luta até o final, porque a solidariedade não é mais do que a sinergia dos oprimidos. A solidariedade não é crer na bondade dos que comem pó, mas saber que, enquanto alguém come pó, corro o risco de também comer amanhã. A solidariedade é temer pela própria pele quando se vê uma trans perseguida. Cada palavra é um projétil, é munição. Dizer solidariedade é acabar com a homofobia. É combater a xenofobia. É encurralar os poderosos. É colocar a direita para correr. As palavras são mágicas e estão cheias de poder". (Paco Vidarte)⁶

Acho que o autor tem certa razão: *solidariedade é amar uns e lutar contra outros.*

Théo, você tem mais amado ou odiado? Com quem tem feito alianças?

Eu temo pela tua pele enquanto outros tremem pelos teus pelos.

Vou usar o Vidarte para pensar teu experimento: **cada fragmento da tua ação**

é um projétil,

É munição.

Potência de vida contra as necropolíticas nossas de cada dia.

Volto a te escrever amanhã.

⁶ VIDARTE, Paco. *Ética bixa*. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 13, página 76 - 85, 2019. Disponível em: <https://piseagrama.org/etica-bixa/>. Acessado em 26 de julho de 2019.



CARTA III

Não sou um homem, mas um homem trans. Como homem trans, desidentifico-me da masculinidade dominante e de sua definição normativa. Eu sou um contrabandista. (Paul Preciado).

As imagens. Quero conversar um pouco com você sobre as imagens. As captadas, as resistentes, as contrabandeadas. Você contrabandeando imagens, embaralhando discursos, nos destinando das “imagens intolerantes” para as “imagens da reinvenção”.

Você não ratifica as manifestações de intolerância através de imagens-narrativas que mais nos despotencializam (Dandara sendo espancada⁷) do que nos mobilizam em nossa revolta (Dandara também é cada um de nós?).

Entre Dandara humilhada pelo bando e Dandara evocada num contrabando, você nos provoca

Convoca

Nos soca.

1 minuto e 20 segundos de gravação

da agressão

nos leva ao chão.

E numa contra-efetuação,

Buscando respiração

Volta a filmagem

do futebol

Numa manhã de sol.

Contrabando e ciganagem

Das imagens.

⁷ Dandara dos Santos, 42 anos, apedrejada e morta a tiros no Ceará em 2017.



Uma indagação:

O futebol não poderia ser mais personagem

Na tua montagem?

Outra operação:

Edição

de imagens borradas entre uma e outra parte do trabalho, feito ruídos daquilo que não se identifica. Uma coerência, acredito, com a proposta da performance.

Produção de vácuos.

Até as poucas imagens registradas em foto durante a tua apresentação⁸ se encontram disformes, embaçadas e estouradas.

Algo desfigura,

escapa,

esconde para quem sabe assim revelar. Implode as possibilidades de iluminar, verificar, ilustrar.

Parece não ser permitido *(a)ferir*.

Eu não vou tratar essas imagens. Gosto delas assim, sujas. Uma ode à imundície, nada de assepsias

Radiografias

Chega de tratamentos

Medicamentos

Condicionamentos

Nós queremos só os *experimentos*.

Transitividades.

⁸ Feitas pela tua parceira de trabalho Mayra Pietrantonio.



Corpo contra a “polícia de gênero”⁹.

Percebo Paul Preciado muito forte no teu trabalho:

A questão da identidade não me interessa. Não me sinto nem espanhol, nem francês, nem católico, nem homem... O que me interessa é a crítica às normas sexuais, de gênero, raciais, patrióticas. O mais urgente não é defender o que somos, homem ou mulher, heterossexual ou homossexual, mas rejeitá-lo, desidentificar-se da coerção política que nos força a desejar a norma e a reproduzi-la. Como o gênero, a nação não existe fora das práticas coletivas, que a imaginam e a constroem. O que vejo hoje não são identidades, mas relações de poder que constroem o sexo, a sexualidade, a raça, a classe, o corpo válido. Vamos parar de focar nas identidades e falar mais sobre as tecnologias de poder, questionar a arquitetura política e jurídica do colonialismo patriarcal, da diferença dos sexos e da hierarquia racial, da família e do Estado-nação.¹⁰

Das tecnologias do corpo:

Você raspando os pelos de baixo e os trans-

formando

numa barba.

Mais um contrabando

Contra

O mando

Exterior

E agressor.

Corpo transversal

Controverso

Contra o verso

⁹ Expressão utilizada por Paul Preciado no texto publicado no jornal francês *Liberation* em 2013. Uma tradução do artigo pode ser lida em: <http://revistageni.org/10/quem-defende-a-crianca-queer/>. Acessado em 27 de julho de 2019.

¹⁰ Artigo: *Nossos corpos trans são um ato de dissidência do sistema sexo-gênero*. Disponível em: <https://resistaorp.blog/2019/03/26/nossos-corpos-trans-sao-um-ato-de-dissidencia-do-sistema-sexo-genero/>. Acessado em: 28 de julho de 2019.



Pa
 Tri
 Ar
 cal?

Em cena:

Você mais uma vez contrabandeando força e vulnerabilidade.

Você mais uma vez contrabandeando vulnerabilidade e força.

HORA DA PART/IDA

O trabalho não tem final, né?

Você fica ali no meio do campo

Partindo e dividindo,

per-formando

uma política do gerúndio: estar sendo...

Muito além das lógicas binárias.

Corpo multiplicado. Multi-implicado.

Co-implicado¹¹ e

complicando.

Théo, teu trabalho é essa arma de guerra CCC:

Corpo

¹¹ Helena Katz assim se refere ao corpo na dança em sua relação com os espectadores no texto *Do Homem Oeconomicus ao Homo Politicus: a dança na cidade de São Paulo*. Disponível em: <http://www.helenakatz.pro.br/midia/helenakatz41557582368.pdf>. Acessado em: 26 de julho de 2019.



Contrabando

Contestação.

Eu sei que você sente medo. Eu também.

Mas sei que minha cisgeneridade

Me dá um pouco mais de passagem

Vantagem

Que muitas pessoas transgêneras não têm.

“Nossa Senhora das Travestis”¹²! Oremos,

amém!!!!

Amem

Amem

Amem.....

Nesse texto: meu exercício de co-imaginação daquela noite tão intensa.

Um experimento tão simples, daí sofisticado. Preciso.

Um ato de coragem.

Hoje coragem e covardia são questões ético-políticas. Algumas vidas dependem disso.

¹² No dia da apresentação do experimento de Théo Mantelato recebíamos a notícia de que a performance artística “Coroação a Nossa Senhora das Travestis” do coletivo *Academia Transliterária* era retirada da programação da Virada Cultural de Belo Horizonte, num ato expresso de censura institucional, intolerância religiosa e transfobia. Para mais informações acessar: <https://www.uai.com.br/app/noticia/e-mais/2019/07/19/noticia-e-mais,249071/prefeito-alexandre-kalil-cancela-performance-lgbt-da-virada-cultural.shtml>.



Teu corpo transborda.

Tivemos uma experiência trans.

“Ser trans é aceitar que se chegue a ser você mesmo graças à mudança, à mutação, à mestiçagem. É fazer a revolução dentro de si mesmo” – afirma Paul Preciado¹³.

Da muda-ação para a muDANÇA, Théo!

Para que essas danças possam sair das zonas e categorias dissimuladas para um lugar mais central, depende também da nossa disponibilidade para que essas lutas sejam vistas, ouvidas e reconhecidas. É preciso esse movimento que você vem fazendo: de transição para novas representações sociais, artísticas e políticas mais democráticas.

*Esse texto só existe porque me fez balançar
o teu dançar.*

Abraços, Clóvis.

Experimento assistido em 19 de julho de 2019 no Departamento de Artes Cênicas da UFOP.

¹³ No mesmo artigo já mencionado no texto: *Nossos corpos trans são um ato de dissidência do sistema sexo-gênero.*



Referências

FREUD, S. (1921). Psicologia das massas e análise do Eu. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

PEREC, George. **Especies de espacios**. Barcelona: Montesinos, 2001 [1974].

